

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO VILLA-LOBOS
LICENCIATURA PLENA EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA
HABILITAÇÃO EM MÚSICA

A INDISCIPLINA NO ENSINO COLETIVO DE MÚSICA:
A NECESSIDADE DE UM OLHAR DIFERENCIADO

DIOGO SALLES CERQUEIRA

RIO DE JANEIRO, 2010

A INDISCIPLINA NO ENSINO COLETIVO DE MÚSICA:
A NECESSIDADE DE UM OLHAR DIFERENCIADO

por

DIOGO SALLES CERQUEIRA

Projeto de Pesquisa apresentado para o curso de Licenciatura Plena em Educação Artística - Habilitação em Música do Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes da UNIRIO, sob a orientação da Professora Doutora Monica Duarte.

Rio de Janeiro, 2010

CERQUEIRA, Diogo Salles. *A Indisciplina no Ensino Coletivo de Música: A necessidade de um olhar diferenciado*. 2010. (Licenciatura Plena em Educação Artística – Habilitação: Música) – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

RESUMO

A presente pesquisa tem o objetivo dar subsídios teóricos que permitam um olhar mais embasado sobre a questão da indisciplina especificamente no ensino coletivo de música. Para atingir esse objetivo foi preciso abordar definições de indisciplina e analisar as questões levantadas a partir disso. Foi necessário, também, abordar aspectos como distúrbios psicológicos e, um fator muito importante, a motivação. Para trazer a discussão para o campo da educação musical, os conceitos foram submetidos a diferentes cenários de ensino coletivo de música para mostrar a necessidade de adaptá-los a essa realidade.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, sempre a minha maior incentivadora, e familiares;

A Lucia Di Calafiori, por ter me orientado desde o início do aprendizado musical;

A Monica Duarte, pela orientação e tranquilidade no processo de elaboração da pesquisa;

Aos meus amigos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – DEFININDO “INDISCIPLINA”	5
1.1 - A RELAÇÃO ENTRE O ALUNO E AS NORMAS DE CONDUTA.....	6
1.2 - A INFLUÊNCIA DE DISTÚRBIOS PSICOLÓGICOS NO COMPORTAMENTO DO ALUNO	10
CAPÍTULO 2 – O FATOR “MOTIVAÇÃO” NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM.....	13
CAPÍTULO 3 – APLICANDO OS CONCEITOS TEÓRICOS NA PRÁTICA DE ENSINO COLETIVO DE MÚSICA.....	19
3.1 - DEFININDO INDISCIPLINA NA AULA COLETIVA DE MÚSICA.....	19
3.2 - O PAPEL DO PROFESSOR DE MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE CIDADANIA POR PARTE DOS ALUNOS.....	21
3.3 - OS DISTÚRBIOS PSICOLÓGICOS E AS DINÂMICAS DE ENSINO DE MÚSICA.....	22
3.4 - A MOTIVAÇÃO NO APRENDIZADO MUSICAL.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27

INTRODUÇÃO

Em uma aula de musicalização para uma turma de crianças, com faixa etária em torno dos oito anos, num determinado colégio municipal no Estado do Rio de Janeiro, observou-se o seguinte fato: enquanto era ministrado um exercício que propunha a execução, por partes dos alunos, de certo fragmento rítmico utilizando instrumentos não-convencionais, um desses alunos encontrava-se “deitado” em sua carteira. Mas estava acordado, sem olhar para o professor e, aparentemente, sem prestar atenção ao que estava sendo apresentado pelo mesmo. Imaginei que este aluno pudesse estar se sentindo mal e, enquanto observador da aula, fui até ele para saber se poderia ajudá-lo. O aluno negou qualquer problema de saúde, apenas demonstrou uma aparente desmotivação. Porém, ao final das instruções do professor sobre o citado exercício, quando todos os alunos pegariam os instrumentos e executariam o ritmo proposto, aquele aluno, que vinha apresentando um comportamento considerado por muitos como indisciplinado, se levantou e, não só executou o exercício, como teve um desempenho melhor do que o de muitos alunos que ficaram atentos ao que vinha sendo proposto.

A partir desse dia me senti forçado, enquanto professor de Música em formação, a repensar as minhas convicções a respeito da Disciplina e, conseqüentemente, da Indisciplina. Eu percebi, em primeiro lugar, que os parâmetros disciplinares que criei naturalmente com o passar da minha vida acadêmica não, necessariamente, se aplicariam inteiramente numa aula de Música. Ficou claro que, numa aula onde a participação do aluno é exigida de outra forma, numa aula cujo conteúdo pode ser absorvido de outra maneira que não aquela proposta pelo formato de ensino tradicional, é preciso ter outra interpretação, outro olhar sobre o comportamento dos alunos. E, ao

conversar com outros companheiros de curso, pude constatar que esses parâmetros disciplinares que eu passei a questionar a partir do citado fato não eram só meus. Eu não era o único que passava por dificuldades ao perceber que, durante a minha prática profissional enquanto professor de Música, teria que repensar conceitos formados durante a minha formação pessoal.

Outro exemplo, também vivido em sala, não só reforçou esta reflexão, como também chamou a minha atenção para outro aspecto. Enquanto professor estagiário do mesmo estabelecimento de ensino citado anteriormente, tive a oportunidade de trabalhar com uma turma de alunos que tinham por volta de seis anos de idade. O maior desafio disciplinar vinha de uma das alunas. Era uma menina muito agitada, que ficava em pé, andava pela sala e conversava com outros alunos, raramente ficava sentada em sua carteira. Porém, durante os exercícios de musicalização, participava ativamente. E, de certa forma, essa sua agitação excessiva contagiava positivamente os outros alunos e os levava a ter maior participação nas atividades. Passadas algumas aulas, me foi dito que se tratava de uma criança hiperativa. Duas reflexões surgiram a partir disso: Uma delas reforça o que foi dito sobre o primeiro exemplo dado. Devemos considerar negativo, indisciplinado, o comportamento agitado de um aluno que, nas atividades musicais de sala, onde o ensino de Música realmente se concretiza e se faz mais pleno, acaba contagiando os outros alunos e os faz participar de maneira mais ativa? Em segundo lugar, fica evidente que é necessário levar em consideração fatores “extra-sala de aula”. É sabido que o comportamento de um aluno não depende só dos fatores que atuam dentro de sala. E, por mais que nós professores não tenhamos total controle sobre eles, precisamos tentar identificá-los, entendê-los e levá-los em consideração no momento em que medidas disciplinares se fazem necessárias. Sabemos que tais medidas podem

ajudar, mas também podem agravar situações onde aconteça a má interpretação de determinadas condutas.

Diante das citadas experiências e reflexões, surge o seguinte problema: Que fatores devemos considerar ao tentar interpretar os diferentes tipos de comportamento encontrados durante o ensino coletivo de Música? A proposta da presente pesquisa é, então, fundamentar em bases mais sólidas os parâmetros disciplinares que devemos adotar durante a prática pedagógica citada, independente de faixa etária ou posição sócio-econômica que ocupe o grupo de alunos. Tal tarefa se faz necessária por três motivos: Em primeiro lugar, as diferenças entre as perspectivas a cerca da Indisciplina, originadas durante o nosso desenvolvimento pessoal e durante as nossas práticas profissionais como professores, trazem dificuldades para a maior parte dos professores de Música, em formação ou já formados. Em segundo lugar, os estudos pedagógicos mais recentes apontam um aumento gradativo da responsabilidade das instituições de ensino na formação dos alunos. Não só na formação acadêmica, mas na construção da noção de “cidadania” por parte dos mesmos. Esse processo educativo, que antes era desempenhado pela família, tem se transferido para a instituição escolar. A crescente necessidade de formação é sentida cada vez mais no cotidiano desses locais e, hoje em dia, já é “oficializada” pelos próprios Parâmetros Curriculares Nacionais. Além desses dois motivos, quase nenhuma literatura sobre Indisciplina especificamente na aula de Música é encontrada. Parece ser muito importante tentar preencher essa lacuna existente.

Um fato importante que motivou essa pesquisa foi ter constatado que a grande maioria dos meus companheiros de curso, professores em formação, compartilhavam da mesma dificuldade de lidar com as próprias noções de Indisciplina durante as respectivas práticas pedagógicas. Por isso, o presente estudo pode ajudar,

principalmente, professores recém formados ou em formação a refletirem de maneira mais embasada sobre o assunto “Indisciplina”.

Para tentar atingir esse objetivo, nos capítulos seguintes, tentarei definir Indisciplina a partir da literatura existente, conjugando alguns dos diversos fatores que podem estar envolvidos no comportamento do aluno dentro de sala de aula. Abordarei o tema “Motivação” como importante fator da indisciplina e, também, como principal artifício para evitá-la. Por fim, vou submeter as definições de Indisciplina a diferentes cenários possíveis para uma aula coletiva de Música (englobando desde Musicalização até aulas de História da Música) a fim de perceber de que forma tais conceitos podem e/ou devem ser ajustados. A metodologia utilizada foi a bibliográfica.

CAPÍTULO 1

1- Definindo “Indisciplina”

A grande pergunta que impulsiona essa pesquisa, e que é feita por todos os professores em algum momento de suas vidas profissionais, é bem direta e fácil de ser enunciada: O que é Indisciplina? O primeiro passo a ser dado rumo à melhor compreensão das dinâmicas comportamentais que ocorrem dentro de sala de aula parece ser, então, tentar definir “Indisciplina”. Dessa tentativa surge uma definição aparentemente simples, mas que traz algumas outras questões. Afinal, o que é “Indisciplina”?

Se entendermos por Disciplina comportamentos regidos por um conjunto de normas, a Indisciplina poderá se traduzir de duas formas: 1) a revolta contra estas normas; 2) o desconhecimento delas. No primeiro caso, a indisciplina traduz-se por uma forma de desobediência insolente; no segundo, pelo caos dos comportamentos, pela desorganização das relações. (La Taille, 1996, p. 10)

Os dois exemplos estão presentes em ambientes de ensino coletivo, mas é razoável admitir que o segundo caso, que diz que a Indisciplina nasce do simples desconhecimentos das normas de conduta, é muito mais freqüente. São em maior número os casos onde um aluno não cumpre uma determinada regra dentro de uma instituição de ensino por não saber que tal regra existe.

A partir da definição acima, surge um termo importante para a discussão sobre o tema principal: “norma” ou “regra” de conduta. É possível dizer que a Indisciplina nasce, então, da relação entre o aluno e as normas de conduta.

1.1 - A relação entre o Aluno e as Normas de Conduta:

Durante as entrevistas feitas com professores de diversas disciplinas que atuam em alguns colégios da rede particular e da rede pública de ensino do Rio de Janeiro, pude perceber um fenômeno que foi apontado por praticamente todos esses profissionais: cada nova geração de alunos parece conhecer menos, em comparação com as gerações de alunos anteriores, as normas de conduta admitidas como ideais. Essa constatação vem da observação diária dos professores e é apoiada por frases como “Antigamente os alunos eram mais educados.” ou, ainda, “Está cada vez mais difícil lidar com os alunos de hoje em dia.” Já que esse fato é observado por uma porcentagem alta dos professores entrevistados, é importante tentar identificar algum motivo para que isso esteja ocorrendo.

Se os alunos parecem chegar “menos educados” nas instituições de ensino de hoje, é porque eles não estão recebendo uma educação prévia que recebiam em outro lugar. Esse outro lugar só pode ser a própria casa. O ambiente familiar, enquanto primeiro grupo social do qual a criança participa, desempenha uma função fundamental na educação de seus filhos. Sempre coube à família o papel de primeira educadora dos próprios filhos, a missão de passar as “boas maneiras” a eles, e qualquer motivo que impeça que a educação familiar aconteça vai fazer com que o aluno passe por esse processo educacional mais adiante. Não é objetivo da presente pesquisa fazer um estudo aprofundado desta situação, mas, a título de exemplo, é possível citar um motivo muito comum hoje em dia e que tem influência direta no que está sendo exposto. A partir do momento em que os pais viram a necessidade de estarem os dois trabalhando para melhor sustento do lar, menos tempo passou a ser dedicado a seus filhos e, assim, o trabalho que tinham no desenvolvimento deles começou a ser comprometido. A

necessidade de maior participação familiar na geração da própria renda afeta o papel que os pais tem enquanto educadores.

Sendo assim, as instituições de ensino passam a assumir de maneira mais efetiva a responsabilidade de educar, no sentido mais amplo da palavra, seus alunos. Passa a ser a escola o ambiente aonde o aluno vai, através da sua interação com outros alunos e funcionários do estabelecimento, aprender e testar seus parâmetros comportamentais mais básicos. Sendo o professor uma das figuras de maior autoridade dentro desse ambiente, ele passa a assumir também a responsabilidade de ajudar o aluno nessa etapa de seu desenvolvimento. É natural constatar que o cotidiano escolar vai apresentar mais exemplos de desconhecimento das normas que admitimos como básicas e essenciais para um bom convívio.

Como se não bastasse o depoimento de profissionais que lidam com essa situação todos os dias, é possível sentir a transferência de responsabilidade citada acima sendo “oficializada” pelos próprios Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCNs. Na introdução aos PCNs, em seção dedicada aos professores, encontra-se o seguinte trecho do texto escrito por Paulo Renato Souza, Ministro da Educação e do Desporto em exercício em 1997, quando foram criados os Parâmetros Culturais:

Nosso objetivo é auxiliá-lo na execução de seu trabalho, compartilhando seu esforço diário de fazer com que as crianças dominem os conhecimentos de que necessitam para crescerem como cidadãos plenamente reconhecidos e conscientes de seu papel em nossa sociedade.

Sabemos que isto só será alcançado se oferecermos à criança brasileira pleno acesso aos recursos culturais relevantes para a conquista de sua cidadania. Tais recursos incluem tanto os domínios do saber tradicionalmente presentes no trabalho escolar quanto as preocupações contemporâneas com o meio ambiente, com a saúde, com a sexualidade e com as questões éticas relativas à igualdade de direitos, à dignidade do ser humano e à solidariedade.

Ainda no texto dos PCNs, um dos objetivos gerais do Ensino Fundamental é “compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de

direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito.” Analisando esses dois trechos, fica claro que hoje é papel da escola cuidar também do amadurecimento do cidadão, não só do desenvolvimento intelectual e cultural do aluno.

Entender a relação entre os alunos e as normas de conduta, e o papel que elas tem no desenvolvimento de cada um deles é extremamente importante para iniciar uma reflexão de caráter menos pessoal a respeito do tema principal da pesquisa. Como já dito na Introdução desta, uma das grandes dificuldades dos professores, em formação ou recém-formados, é perceber que seus conceitos pessoais, os critérios que eles desenvolveram durante suas respectivas vidas acadêmicas precisam ser ampliados para melhor atuação no cotidiano profissional. Porém, não posso deixar de levantar uma questão que, até certo ponto, é anterior à discussão feita até aqui. A definição de Indisciplina usada por Yves de La Taille fala em “conjunto de normas”, professores mais experientes dizem que os alunos indisciplinados não tem “limites”, usa-se, também, a palavra “regra” para se referir a delimitadores de conduta, parâmetros que definem o comportamento ideal a ser adotado pelos estudantes. Mas, afinal, que regras são essas? Quem definiu esses parâmetros de comportamento? Elas estão escritas em algum lugar? Existe algum manual de conduta?

Talvez seja esse o questionamento negligenciado pelos professores que encontram dificuldade na questão disciplinar dentro de sala de aula. Como pude constatar ao me deparar com os casos presenciados em sala de aula citados na Introdução e ao debater com colegas de curso, a maior parte dos professores em formação já entra em sala admitindo que as relações daquele ambiente serão regidas por seus próprios critérios disciplinares. Eles negligenciam o fato de que os seus

parâmetros, a menos que seja feito um estudo sobre o assunto, são interpretações pessoais de ensinamentos e experiências que viveram enquanto alunos. Por isso, são conceitos que se aplicam, em sua totalidade, apenas a eles mesmos. E, mesmo assim, não se pode admitir que tais conceitos são imutáveis. Rego (1996, 84) diz:

Ele (conceito de indisciplina) se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre diferentes culturas e numa mesma sociedade: nas diversas classes sociais, nas diferentes instituições e até mesmo dentro de uma mesma camada social ou organismo. Também no plano individual a palavra indisciplina pode ter diferentes sentidos que dependerão das vivências de cada sujeito e do contexto em que forem aplicadas. Como decorrência, os padrões de disciplina que pautam a educação das crianças e jovens, assim como os critérios adotados para identificar um comportamento indisciplinado, não somente se transformam ao longo do tempo como também se diferenciam no interior da dinâmica social.

Voltando às questões referentes aos limites, às regras, não se pode olhar para o assunto por um único prisma. É necessário questionar as regras, pois, como discutido logo acima, elas precisam se adequar com o passar do tempo. Mas não se pode deixar predominar o discurso que coloca as normas de conduta como uma prática tirana, despótica. Assim como , não parece razoável crer que da ausência completa de regras surgirá um novo tipo de comportamento que será legítimo e funcional. La Taille (1994, 9) diz:

(...) as crianças precisam sim aderir a regras (que implicam valores e formas de conduta) e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os “limites” implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não pode ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite *situa*, dá consciência de *posição* ocupada dentro de algum espaço social – a família, a escola e a sociedade como um todo.

Rego (1996, 87) completa todo o raciocínio acima da seguinte forma:

Neste caso, a disciplina não é compreendida como mecanismo de repressão e controle, mas como um conjunto de parâmetros (elaborados pelos adultos ou em conjunto com os alunos, mas principalmente internalizados por todos), que devem ser obedecidos no contexto

educativo, visando a uma convivência e produção escolar de melhor qualidade. Deste ponto de vista, a disciplina é concebida como uma qualidade, uma virtude (do indivíduo ou de um grupo de alunos) e, principalmente, como um objetivo a ser trabalhado e alcançado pela escola. *Como decorrência, a disciplina, ao invés de ser compreendida como um pré-requisito para o aproveitamento escolar, é encarada como resultado (ainda que não exclusivo) da prática educativa realizada na escola.*

A discussão acerca das normas de conduta, considerando desde a escolha das regras até a forma como elas vão ser implementadas, gera duas correntes muito importantes dentro do sistema de ensino atual. De um lado, o ensino tradicional, predominante no Rio de Janeiro. Tem estrutura mais rígida, baseada na tradição dos métodos praticados ao longo de muitos anos. De outro lado, o ensino experimental, fruto das correntes mais novas da pedagogia, que tem como duas das características principais a crítica às normas e a experimentação de ideias visando uma nova abordagem da questão disciplinar que valoriza o retorno dado pelos próprios alunos. Não é objetivo desta pesquisa fazer juízo de valores sobre esses dois tipos de ensino, o importante é ter em mente que, hoje em dia, o tema Indisciplina não só é debatido na teoria, mas também testado na prática.

1.2 - A influência de distúrbios psicológicos no comportamento do aluno:

Inúmeros estudos dentro do campo da Psicologia se encarregam de tentar apontar fatores que influenciam o comportamento das pessoas nas mais diversas situações. Relacionados à questão da Indisciplina, vários são os processos psicológicos que o aluno desencadeia ao longo da sua vida acadêmica. A questão da Motivação, que será abordada no próximo capítulo, é uma das mais importantes. Está ligada à relação entre sucesso e fracasso e à auto-estima do aluno, por exemplo. E, para atender ao objetivo desta pesquisa, que é ter bases mais sólidas para compreender as dinâmicas

comportamentais encontradas em uma sala de aula, devemos saber que existem distúrbios psicológicos que podem afetar diretamente a conduta de determinado aluno no ambiente escolar.

Citei, na Introdução, um exemplo vivido durante o cumprimento de um estágio de ensino que mostra diretamente a necessidade de saber que tais fatores existem, a dificuldade de detectá-los e a importância de uma abordagem diferenciada nesses casos. Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) é um distúrbio psicológico ao qual todos os professores têm que estar atentos. Pessoas que apresentam tal característica têm dificuldade de prestar atenção, principalmente por tempo prolongado. O que pode gerar, inclusive, dificuldade no processo de aprendizagem. Esses indivíduos estão sempre sentindo a necessidade de estar fazendo alguma coisa, de estar em movimento, o que faz com que eles tenham dificuldade de se enquadrar nos padrões comportamentais mais rígidos.

Dois podem ser, então, as grandes dificuldades enfrentadas por pessoas que apresentam TDAH: dificuldade de aprendizado e problemas comportamentais. O professor pode agravar ou tentar amenizar tais dificuldades. A questão da dificuldade de aprendizado pode ser abordada através do fator Motivação, que será discutido a frente. Sobre a dificuldade de se enquadrar nas normas de conduta do cotidiano escolar, é preciso saber que o indivíduo que apresenta TDAH não tem consciência desse problema. Ele não se percebe enquanto uma pessoa que tem comportamento diferenciado, mais agitado, dos demais. Além disso, ele não consegue diminuir essa agitação. A dificuldade de perceber que uma pessoa tem essa característica é grande, principalmente quando se fala de crianças. É natural achar que umas são mais agitadas do que outras, mas saber, dentro do grupo de crianças mais agitadas, quais são hiperativas é muito difícil. Caso o professor não perceba essa característica e comece a aplicar

repetidas medidas disciplinares na tentativa de fazer o aluno se enquadrar em um modelo de comportamento ao qual ele não consegue, pode-se iniciar um quadro de frustração e desmotivação que prejudicará todo o desenvolvimento pessoal e o desempenho escolar do indivíduo.

O que fazer, então? Para que esse problema não aconteça, o professor tem que ter em mente que tais fatores existem e estão presentes também em sala de aula. Ao mesmo tempo em que é prejudicial ao indivíduo que apresenta TDAH estar recebendo sucessivas punições disciplinares por um comportamento que ele não percebe que tem e, mais do que isso, que não consegue controlar, o professor também não pode permitir que o rendimento de uma turma inteira de alunos seja comprometido.

CAPÍTULO 2

2 - O Fator “Motivação” no Processo de Aprendizagem

Ao tentar entender o desencadeamento de um comportamento considerado indisciplinado, muitos fatores aparecem como constituintes dessa grande resultante. Porém, a questão “Motivação” muitas vezes se mostra uma importante causadora desses processos e, assim, também uma forte aliada na busca por estratégias que evitem o conflito de comportamentos dentro de sala de aula. Um episódio vivido em sala de aula mostrou isso de maneira muito clara. Um professor de História da Música, em uma turma do 1º ano do Ensino Médio de um colégio particular na cidade do Rio de Janeiro percebeu o seguinte fenômeno. O processo de avaliação do colégio consistia em trabalhos opcionais e uma prova obrigatória no final de cada bimestre, dos quais seriam obtidos conceitos que iriam determinar a aprovação ou reprovação do aluno. Em um determinado bimestre, por ocasião da perda de algumas aulas em decorrência de alguns feriados, o professor, para preservar o conteúdo que teria que ser cobrado na prova, foi forçado a se concentrar mais no conteúdo referente à história da Música, tendo, assim, que dedicar menos tempo à apreciação musical. Gradativamente, ele percebeu que os alunos foram ficando cada vez mais inquietos, “indisciplinados”, até o ponto em que um dos alunos disse explicitamente: “Professor, antes a gente ouvia mais música.” Na aula seguinte, o professor ministrou uma aula onde a apreciação musical predominou na maior parte do tempo. A mudança comportamental foi tão grande que ele chegou a ver os próprios alunos pedindo silêncio para aqueles que estavam atrapalhando a audição dos exemplos musicais levados para a aula.

Silva (2009, 267) diz que:

A motivação do aluno tem sido destacada em meios a diversos fatores psicológicos estudados no contexto educacional. [...] A desmotivação dos alunos é um dos grandes problemas enfrentados em sala de aula, seja no ensino da música ou em qualquer ambiente de ensino.

Silva cita, também, um trecho onde Boruchovitch e Bzunec (2001, p. 13) dizem que “a motivação tornou-se um problema de ponta em educação, pela simples constatação de que, em paridade de outras condições, sua ausência representa queda de investimento pessoal de qualidade nas tarefas de aprendizagem”. Os autores destacam ainda que, nas séries do ensino fundamental e médio, na medida em que os alunos sobem de série, a motivação diminui.

Alguns fatores externos podem atuar na motivação dos alunos. O professor, como não poderia deixar de ser, tem papel importante nisso. O profissional que planeja as suas aulas e as torna as mais dinâmicas possíveis estará atraindo a atenção de seus alunos e, assim, contribuindo para o maior interesse por parte da turma. Para isso, é fundamental considerar aspectos importantes como, por exemplo, a adequação do conteúdo àquele grupo de alunos. No caso de uma aula de música, é importante que o professor se utilize de vocabulário musical que esteja contido no universo cultural do grupo social de onde vem cada turma. Isso faz com que os alunos se sintam mais incluídos na dinâmica de aula. Incluí-los em práticas musicais e encorajar a criatividade, muito pode ser feito para que o interesse pelas aulas aumente.

A família e as pessoas que cercam os alunos também tem grande influência na motivação dos mesmos. Se os pais incentivam e prestigiam as atividades referentes ao aprendizado de seus filhos, estarão fazendo com que a motivação deles cresça. Assim também é com a postura dos amigos. Se, por outro lado, um aluno pertence a um grupo de amigos que não valoriza, ou até desencoraja o conhecimento que ele adquire a partir de determinada atividade pedagógica, a desmotivação será a primeira consequência. E,

caso essa influência negativa de colegas aconteça dentro do ambiente escolar, cabe ao professor coibir esse tipo de atitude.

Mas, de que forma é possível aprofundar a discussão sobre motivação? Dois conceitos são muito importantes para o debate: a motivação intrínseca e a motivação extrínseca. Silva (2009, 269) diz que “a motivação não se constitui num fato ou instante isolado em si, mas sim num processo que se desencadeia em várias fases ou etapas. Está presente desde o início da tarefa, durante a execução da mesma, até a sua conclusão”, e cita um trecho de Foulin e Mouchon (2000, p. 94) que diz:

A motivação para alcançar um objetivo distante articula-se com as motivações sucessivas para cada uma das etapas que podem levar àquele, o que equivale a distinguir uma motivação orientando a atividade do sujeito para tarefas imediatas de uma motivação orientada para objetivos mais distantes.

A motivação intrínseca é aquela que trata da escolha da realização de determinada tarefa por ser, a própria execução da rotina, geradora de satisfação para aquele que a conclui. As etapas pelas quais o indivíduo tem que passar para alcançar determinado objetivo já lhe trazem satisfação. Essa motivação tende a gerar maior comprometimento e é muito importante no desempenho escolar. Levando em consideração que a vida acadêmica é um processo que se desenvolve ao longo de anos, é possível constatar que, para maior dedicação do aluno, é melhor que ele, não só veja no fim do processo o motivo para passar por ele, mas também encontre satisfação durante as etapas que precisa cumprir para seu desenvolvimento acadêmico. Já a motivação extrínseca está ligada ao que a conclusão de determinada tarefa pode trazer, a satisfação é posterior à conclusão da rotina. Silva (2009, 269) destaca um trecho de Boruchovitch e Bzunec (2001, p. 46) que diz o seguinte:

A motivação extrínseca tem sido definida como a motivação para trabalhar em resposta a algo externo à tarefa ou atividade, como para a obtenção de recompensas, materiais ou sociais, de reconhecimento,

objetivando atender aos comandos ou pressões de outras pessoas ou para demonstrar competências ou habilidade.

De que forma esses dois conceitos estariam ligados ao ensino coletivo de música? Por um lado, numa situação onde os alunos estão na aula de música por livre e espontânea vontade é natural pensar que a motivação intrínseca existe e moverá esses indivíduos através das etapas do aprendizado. Por outro, se a aula de música é algo pelo qual eles tem que passar para obter aprovação em determinado curso, a motivação extrínseca será a responsável por ajudá-los a alcançar o objetivo. - Nesse ponto, abro um parêntese para incluir uma constatação comprovada pelas entrevistas feitas com professores mais experientes e professores em formação que já passaram por estágios em colégios. O ensino de Artes nas escolas de ensino médio e fundamental, excluo aqui ambientes como conservatórios e escolas de música, ainda sofre por não ser contemplada pela motivação extrínseca inerente a matérias do currículo regular. Por não ter caráter profissionalizante, por “não cair no vestibular” e, principalmente, por não estarmos culturalmente acostumados com essa disciplina nesse tipo de estabelecimento de ensino, muitas vezes a aula de Artes ainda não é encarada com a mesma seriedade das outras disciplinas. - É possível aliar os dois conceitos em cada uma das situações citadas? É possível para o professor tornar o processo de aprendizagem interessante e satisfatório o suficiente ao ponto de fazer com que seus alunos fiquem motivados durante as etapas e motivados pelo que eles podem conseguir ao final dele?

Além dos conceitos de motivação intrínseca e motivação extrínseca, é preciso entender a diferença entre Punição e Recompensa no processo de aprendizagem. Recompensar um aluno quando ele apresenta bom desempenho, elogiá-lo, enaltecer as boas ações, é muito mais eficaz do que punir os erros. Isso porque dá ao aluno a sensação do êxito, a sensação de ter conquistado algo. Além disso, enquanto a recompensa reforça a motivação do indivíduo, a punição repetitiva atinge a sua auto-

estima e cria comportamentos traumatizados. A explicação para o melhor resultado da recompensa é simples. Silva (2009, 271) destaca um trecho de Foulin e Mouchon que diz o seguinte:

Para as teorias da aprendizagem social, a preocupação da autovalorização é o motor das condutas humanas. Orientado pela busca do êxito, o engajamento dos indivíduos numa tarefa seria dependente de um sentimento de auto-eficácia (ou competência percebida): o indivíduo se engaja em uma tarefa que considera capaz de realizar, buscando um êxito que lhe permita aumentar sua auto-estima (2000, p. 93).

O aluno, ao longo do processo de aprendizagem, passa por etapas que podem lhe trazer dificuldades. A recompensa obtida ao vencer tais etapas é o incentivo que ele vai ter para perseverar até o final.

Durante a sua vida acadêmica, o aluno tem que aprender também a lidar com os erros. E, nesse ponto, motivação e recompensa são muito importantes. Uma pessoa suficientemente motivada pode, diante de um erro, resolver enfrentá-lo e aprender a superá-lo. Porém, caso não esteja motivada e não seja incentivada, pode se sentir impotente e desistir de enfrentá-lo. Segundo Foulin e Mouchon (2000, p. 96):

[...] o indivíduo terá tendência a reforçar seu investimento nas atividades nas quais tem êxito. Um fracasso, ao contrário, engendra uma decepção imediata, e a repetição dos fracassos, uma diminuição de interesses que pode chegar, por efeito cumulativo, à apreensão ou ao evitamento das atividades desencadeadoras de fracasso.

Como dito anteriormente, o aluno busca naturalmente o êxito, isso interfere diretamente em sua auto-estima. E os erros, se não forem administrados de maneira correta, podem afetar esses pontos. Fica evidente a interação entre todos esses conceitos: motivação, recompensa, punição, êxito, fracasso.

O papel do professor na motivação de seus alunos é extremamente importante e se faz presente em todas as etapas do ensino, desde o planejamento de curso até o final de suas atividades. É fundamental saber elaborar um bom curso e boas dinâmicas de

aula, conjugando fatores como, por exemplo, configuração social da turma e infraestrutura do ambiente de ensino para que as aulas sejam interessantes e os alunos se sintam motivados. É preciso saber adequar o conteúdo planejado às reais necessidades e possibilidades de cada turma. O professor deve, também, administrar corretamente as relações citadas anteriormente, entre fracasso e êxito. Deve saber incentivar aqueles que obtiverem bom desempenho e ajudar os que encontrarem dificuldades para que isso não se torne um problema maior na vida dos alunos. Nesse sentido, o professor deve usar as avaliações não apenas como medidas classificatórias, mas também como instrumento para identificar essas diferentes situações.

CAPÍTULO 3

3 - Aplicando os conceitos teóricos na prática de ensino coletivo de música

Boa parte dos conceitos trabalhados nesta pesquisa, nos capítulos anteriores, está relacionada à prática pedagógica como um todo, não se atendo a nenhuma situação, nenhum ambiente didático, nenhum formato de ensino, nenhuma disciplina ou faixa etária específicos. Porém, é objetivo do presente trabalho lançar um olhar mais embasado nas situações que ocorrem durante o ensino coletivo de música. Principalmente porque é área do tema principal que apresenta maior lacuna na pesquisa.

Antes de cumprir esse objetivo, é preciso deixar claro que o ensino coletivo de música assume diversas dinâmicas e ambientes, os grupos de alunos não tem a obrigatoriedade de seguir faixa etária, classe social ou qualquer outro critério prévio. Por isso, diversos são os cenários possíveis para esse tipo de prática de ensino. Mas, esse motivo não impede que se faça uma análise da aplicação dos conceitos obtidos ao longo da pesquisa no ensino de música. Portanto, a partir de agora retomarei cada ponto visto anteriormente e os colocarei sob a ótica das dinâmicas do ensino musical.

3.1 - Definindo Indisciplina na aula coletiva de Música:

Para chegar a uma definição, seria preciso dizer que tipo de comportamento dentro do estabelecimento de ensino otimizaria o aprendizado musical. Mas é justamente neste ponto que o ensino de música se mostra mais complexo, com diversos cenários possíveis e que admitem variados tipos de comportamento. No entanto, analisarei alguns exemplos.

Como primeira situação, analisarei o ensino de História da Música em estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio, com estrutura tradicional. Neste caso, é possível admitir que as dinâmicas comportamentais chegariam muito próximas das que é de costume encontrar em qualquer colégio de ensino tradicional durante a aula de qualquer outra disciplina do currículo. Mas, caso o professor opte por ministrar, eventualmente, uma dinâmica de interação musical, por exemplo, não será razoável achar que os alunos ficarão em silêncio e parados em suas carteiras. O próprio fato de se colocar exemplos musicais para serem apreciados pelos alunos já incita comentários a respeito das músicas, sem mencionar o aspecto envolvente de se ouvir ritmos e melodias que provoquem identificação por parte dos alunos.

Mantendo o tipo de estabelecimento de ensino, mas considerando aulas de musicalização, muda completamente o panorama. Uma aula de musicalização, em geral, não permite que alunos fiquem parados. O aprendizado musical se dá com o corpo inteiro. Os alunos ouvem música, sentem a música, tocam instrumentos e etc. O que seria indisciplina dentro desse cenário? Talvez, um aluno que insistisse em executar um exercício de maneira diferente, por exemplo. Mas, não seriam o improviso e a criatividade elementos fundamentais para a prática musical? Este aluno “teimoso” estaria totalmente equivocado?

Foi debatido anteriormente que o ensino tradicional e o ensino experimental diferem entre si quando o assunto são as normas de conduta. Considerando os mesmos dois exemplos anteriores, porém agora em estabelecimentos de ensino experimental, obtém-se resultados diferentes no primeiro caso, onde os alunos teriam mais liberdade e seriam eles também responsáveis por ditar o comportamento ideal, e basicamente iguais no segundo caso. Uma aula de musicalização, independente do estabelecimento de ensino onde é ministrada, tem regras comportamentais muito flexíveis.

Aulas coletivas de ensino de instrumento são outro cenário comum, e tem semelhanças tanto com aulas de musicalização quanto com aulas mais “tradicionais”.

Assemelham-se às aulas de musicalização porque exigem envolvimento corporal e execução musical. Mas, como um curso de instrumento é muito específico, técnico, gera aulas que necessitam de concentração, foco. Essa característica aproxima tal situação às dinâmicas encontradas no ensino tradicional.

3.2 - O papel do professor de música no desenvolvimento do conceito de cidadania por parte dos alunos:

A partir do momento em que a necessidade de contribuir para o desenvolvimento do cidadão faz parte cada vez mais da função do professor, há de se analisar como o profissional da área da música deve agir para cumprir esse papel. As situações de ensino coletivo não diferem muito umas das outras. Porém, uma característica do ensino coletivo de música é importante para o desenvolvimento citado. Ao analisar aulas de música que apresentam atividades coletivas e/ou que tem como finalidade a prática musical em conjunto, fica evidente a oportunidade de exercitar o trabalho em conjunto, a colaboração mútua, a percepção de si mesmo dentro de um grupo social e o papel que o próprio aluno desempenha nele. Cabe ao professor incentivar tais práticas e estar atento ao ato de exercitar tais conceitos por parte dos alunos. Perceber como cada aluno age perante si mesmo e perante os colegas de turma é fundamental para proporcionar o melhor resultado possível.

Lembro, aqui, que as normas de conduta têm por finalidade real ajudar o aluno a se colocar dentro das variadas situações, e não impor regras autoritárias que irão apenas tolir o cidadão.

3.3 - Os Distúrbios Psicológicos e as dinâmicas de ensino de música:

Quando abordei o caso de pessoas que apresentam TDAH, coloquei as dificuldades que tais características podem levar para dentro da sala de aula. Porém, fazendo uma segunda análise, tentando levar esse exemplo para as diferentes dinâmicas possíveis de uma aula de música, me parece natural acreditar que os reflexos do TDAH seriam amenizados. Voltar ao segundo exemplo vivido em sala de aula, citado na Introdução desta pesquisa, da aluna que não conseguia ficar sentada em sua cadeira, mas que motivava sem perceber os seus colegas a participarem das atividades, mostra que é possível administrar as dificuldades que um aluno com TDAH apresenta. As aulas de música podem ser mais corporais, existem muitas dinâmicas de aula que, por privilegiar a ação física do aluno, poderiam minimizar a necessidade de um aluno em ficar em movimento, por exemplo. Fica a cargo do professor, havendo alunos com TDAH em sua turma, tentar equilibrar tais atividades visando viabilizar ainda mais o processo de aprendizado para todos os alunos.

3.4 - A Motivação no aprendizado musical:

O fator Motivação é um ponto de discussão muito importante no processo de aprendizagem. Para fazer uma análise, incorporando os conceitos de motivação intrínseca e motivação extrínseca, vou separar as situações de aula de música em dois conjuntos: aulas em escolas de música ou conservatórios, e aulas em escolas de currículo tradicional. A motivação vai agir de formas completamente diferentes em cada um desses dois casos. Considero, em primeiro lugar, o ensino em escolas de música. Nesse caso, aonde os alunos, de forma geral, vão de maneira espontânea, a motivação

acontece antes do processo educativo. Constata-se aqui a motivação intrínseca, aquela que facilita o aprendizado e o maior comprometimento do aluno.

Já nas aulas de música em escolas de currículo tradicional, aquelas que visam à formação acadêmica do aluno, nem sempre se pode contar com a motivação intrínseca do aluno. Parece ser, justamente, o contrário. O ensino de música nesses estabelecimentos ainda passa pelo problema do costume cultural. A sociedade brasileira não está acostumada a isso e não vê motivos para fazê-lo. Constata-se que, muitas vezes, a aula de música é encarada como um “segundo horário de recreio” ou, ainda, a “aula da bagunça”. Quando se analisa as séries mais avançadas, principalmente as de Ensino Médio, o discurso é “isso não cai no vestibular, então não preciso estudar”. Se a instituição de ensino dá à disciplina Música o caráter reprovatório, os alunos já começam a ter um motivo para se dedicar (motivação extrínseca). Como lidar com essa questão?

Talvez não seja possível conseguir uma resposta definitiva. Mas, a verdade é que o professor continua tendo poder para interferir nesse aspecto. Tanto em escolas de música quanto em escolas tradicionais, é importante tornar o curso e cada aula de música o mais interessante possível. Até em um conservatório, se o professor não escolhe um bom repertório para ser trabalhado pelos alunos, se não ministra dinâmicas eficientes e interessantes, se não consegue ajudar os alunos a passarem pelas dificuldades que se apresentam no processo de aprendizagem, os alunos vão perder a motivação. Dentro da escola tradicional, saber aproximar conteúdo e alunos trabalhando conceitos musicais com exemplos do universo cultural deles, incluí-los nas práticas culturais e mostrar que o estudo da música pode ajudá-los a se integrar melhor nos diversos grupos sociais pode, não só reforçar o interesse daqueles que já se mostravam

motivados, como também despertar a vontade nos que não percebiam os benefícios do aprendizado musical.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Indisciplina ocupa muitas das discussões atuais sobre as questões pedagógicas, é um assunto que afeta todos os ambientes de ensino e, assim, todos os professores. Não é possível definir conceitos rígidos, imutáveis, pois como foi mostrado os parâmetros de ensino mudam com o passar do tempo, com o local onde as práticas de ensino se desenvolvem e com as pessoas envolvidas no processo. Além disso, não é exigido dos professores ter profundo conhecimento sobre todos os aspectos envolvidos no tema principal. A indisciplina conjuga fatores de diferentes áreas, não seria possível tal aprofundamento. Mas é preciso pelo menos entender que fatores resultam nos diversos comportamentos encontrados em sala de aula. Fazendo isso, o professor saberá porque é necessário ter normas de comportamento, saberá como escolher que critérios pautarão as dinâmicas comportamentais em cada situação de ensino e saberá lidar melhor com cada indivíduo separadamente, já que não são todos iguais. A discussão, que já é difícil quando se adota modelos de ensino já enraizados na sociedade, fica mais complexa quando se fala do ensino coletivo de música. Para que o professor de música continue contemplando todos os objetivos de sua função, ele deve entender de que forma o ensino de música se diferencia dos demais. Quais são as características próprias às dinâmicas musicais e de que forma elas interferem nos conceitos vistos anteriormente. Assim será possível flexibilizar os pontos estudados a fim de saber adequá-los à realidade específica.

O professor de música é um agente muito importante nessa questão. Como todo professor, tem responsabilidade na formação pessoal do aluno e precisa saber como ajudar nesse sentido. Precisa saber administrar o ambiente de ensino e as relações pessoais que lá nascem. Deve saber criar e reforçar a auto-estima e a motivação dos

alunos, para que estes entendam e aproveitem da melhor forma o processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLOMBIER, Claire et al. *A Violência na Escola*. 2º edição. São Paulo: Summus, 1989.

LA TAILLE, Yves de et al. *Indisciplina na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas*. 10º edição. São Paulo: Summus, 1996.

SILVA, Tais Dantas da. A Motivação no Processo de Aprendizagem Musical em Grupo: O Ponto de Vista da Psicologia da Educação. In: V SIMPÓSIO DE COGNIÇÃO E ARTES MUSICAIS. 2009. Goiânia. *Anais do V SIMCAM*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2009. p. 266-276.